

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: ACOLHIMENTO DE ENFERMEIRAS À VÍTIMAS EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE PELOTAS

TAÍS ALVES FARIAS¹; RAPHAELA FARIAS FERREIRA ²; MARINA SOARES MOTA³

¹Universidade Federal de Pelotas – tais_alves 15@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – raphafferreira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas–msm.mari.gro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A história da mulher como propriedade é citada desde a Grécia antiga, por exemplo, período em que as mulheres eram consideradas propriedades de seus pais, maridos ou tutores do sexo masculino, sendo tratadas como objetos que podiam ser comprados, sem voz e muito menos autonomia. Ser mulher era sinônimo de fragilidade e devoção ao homem e este estereótipo legitimava as violências contra as mulheres, que conforme Beauvoir (1970), traz a manutenção de mitos e estereótipos, que limitam e oprimem a liberdade da mulher como algo que não é natural, mas sim uma construção sociocultural, que é perpetuada até os dias atuais.

Para a continuidade desse sistema patriarcal a violência é constantemente utilizada como estratégia de opressão e controle das mulheres. Cabe destacar que a violência contra mulher é definida como todo e qualquer ato, com base no seu gênero, que cause danos físico, psíquico, sexual ou econômico à mulher. Isso inclui, estupro, agressão física, assédio sexual, coerção, controle econômico, ameaças verbais ou psicológicas, intimidação e abuso emocional. Ainda, existem diferentes tipos de violência contra mulher que incluem: Violência física, violência psicológica, violência sexual, violência doméstica, violência obstétrica, violência econômica e violência simbólica (BRASIL, 2006).

Pensando que a violência é também um problema de saúde pública torna-se crucial que a enfermeira tenha um papel ativo, acolhendo, reconhecendo usuárias que chegam para atendimento e estão passando por uma situação de violência, e assim forneça suporte as vítimas. É fundamental abordar as raízes subjacentes da violência doméstica, incluindo mudanças nas normas sociais e culturais que perpetuam a desigualdade de gênero, para prevenir e erradicar esse problema (SILVA; RIBEIRO, 2020).

Alcantara et al. (2022), ressaltam que o atendimento às mulheres vítimas de violência é um desafio para a enfermagem pela falta de uma formação específica para lidar com o ciclo da violência, falta de protocolos com informações nítidas para o atendimento, além da dificuldade de acesso ao serviço de saúde. Vale também salientar a importância desse atendimento ser multidisciplinar e integrado, envolvendo a atenção básica e os serviços especializados. Além de ser feito por mulheres e de forma integrada evitando a revitimização da mulher que sofreu violência.

Pensando nisso a atenção primária à saúde é uma das principais aliadas para a identificação de mulheres em situação de violência, já que é considerada porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS) ratificando a violência contra mulher como um problema de saúde pública, por afetar diretamente a saúde das mulheres, comprometendo o acesso e a utilização adequada de serviços de saúde

e precisando uma abordagem integral e interdisciplinar para prevenção, detecção e tratamento (DE LIMA, 2019).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é relatar como é o acolhimento de mulheres vítimas de violência atendidas por enfermeiras em Unidades Básicas de Saúde do município de Pelotas.

2. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de um recorte da monografia intitulada “Acolhimento por enfermeiras a mulheres vítimas de violência em unidades básicas de saúde” e efetuada na Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

A pesquisa caracteriza-se com uma abordagem qualitativa do tipo exploratória, descritiva. Foi realizada através de entrevista semiestruturada com enfermeiras que trabalham em Unidades Básicas de Saúde da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do município de Pelotas no estado do Rio Grande do Sul. Respeitou todos os preceitos éticos do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Faculdade de Enfermagem UFPEL e somente após a aprovação iniciou as coletas de dados, no mês de agosto de 2023.

O estudo adotou o critério de seleção bola de neve. Esse método envolve o uso de uma rede de referências e indicações para realizar as entrevistas, que é construída a partir de um intermediário inicial chamado de semente. Com isso, esperava-se entrevistar 20 participantes, entretanto foram entrevistadas, seis enfermeiras e apenas cinco entrevistadas foram incluídas. O número deu-se pela dificuldade de resposta por parte das enfermeiras, foram feitos cerca de 3 contatos por parte da pesquisadora e também por parte da orientadora os quais não obtiveram retorno.

Os critérios de inclusão foram incluídas na pesquisa enfermeiras mulheres da ESF da cidade de Pelotas que já tenham acolhido mulheres vítimas de violência em sua unidade e os Critérios de exclusão são Enfermeiras que estão de férias ou algum tipo de licença.

A enfermeira escolhida como semente foi contactada através do aplicativo de mensagens WhatsApp para agendarmos a entrevista. A entrevista foi agendada em dia e horário oportuno para a participante e foram realizadas individualmente.

O início da entrevista foi dado após a leitura do Termo livre e esclarecido (TCLE) que foi fornecido em duas vias, sendo uma da participante e outra da pesquisadora. As conversas foram gravadas através do celular por um aplicativo chamado “Gravador” e após passadas para armazenamento no google drive, após transcritas e mantido o anonimato, identificando-se pela letra “E” seguido do número da entrevista.

O instrumento de coleta contou com os dados da participante como idade, tempo de formação, quanto tempo trabalha na atenção básica à saúde e perguntas norteadoras que deem espaço para as participantes relatarem abertamente como ocorrem seus acolhimentos. A entrevista teve em média 20 minutos de duração.

A análise de dados foi feita a partir da abordagem de Laurence Bardin de análise de conteúdo, que gerou três categorias que serão apresentadas a seguir: Violência contra mulher: vivências dos atendimentos e definições das enfermeiras sobre tema; O acolhimento, a identificação e os encaminhamentos possíveis frente a violência contra a mulher; e Facilidades, dificuldades e reflexões sobre possibilidades de melhoria no acolhimento de mulheres vítimas no atendimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo cinco enfermeiras que trabalham na atenção básica à saúde que estão na faixa etária dos 40 aos 48 anos, sendo uma com 40 anos, uma com 41 anos, uma com 47 anos e duas com 48 anos. Três participantes têm como maior grau de formação mestrado e duas enfermeiras com especialização.

O acolhimento das UBS ocorre de forma reservada, respeitando os princípios éticos da enfermagem. Além disso, as enfermeiras relatam que as vítimas não chegam diretamente com a queixa de violência, vem para uma consulta de enfermagem e acaba constatando-se a violência criando um vínculo com a usuária.

Dentro das facilidades as enfermeiras citam o valor do acolhimento empático, com privacidade, além disso, a importância de uma equipe completa como por exemplo as agentes comunitárias de saúde, as quais conhecem melhor o território e assim tem um maior vínculo com a comunidade. Já as dificuldades enfatizam as dificuldades quanto às mulheres atendendo outras mulheres.

Dessa maneira, a ideia de que a violência se dá de diferentes maneiras, bem como produz efeitos sobre o corpo e a mente, o acolhimento nas UBSs parece se colocar de uma forma que permite o surgimento da queixa, do sintoma, daquilo que é de difícil percepção a um primeiro olhar. Nesse sentido, há uma clara preocupação das enfermeiras em ter um ambiente propício, no qual a privacidade, a calma, o silêncio, a segurança, convidem à fala acerca das angústias internas (MORELATO et al., 2021).

Frente os exemplos expostos nas categorias de análise as enfermeiras quando questionadas sobre o que é violência mencionam como "um ato de desrespeito, inaceitável". O campo das histórias de violência relatadas pelas enfermeiras, corrobora com os aspectos que, em geral, são utilizados para identificação de uma situação de violência, referindo circunstâncias que mostram a relação recíproca entre corpo e mente. Isso destaca a importância de reconhecer também comportamentos verbais, emocionais e psicológicos como atos violentos e inaceitáveis.

Pierre Bourdieu, traz o conceito de violência simbólica, caracterizado pela manifestação de relações de poder entre indivíduos através da imposição de símbolos, normas e significados. Ao contrário de agressões físicas, a violência simbólica se manifesta por meio de linguagem e expressões que conferem vantagens àqueles que a praticam, conforme sugere sua denominação. (MARTINO; MARQUES, 2022).

No que tange a identificação da violência, as entrevistadas relatam que as identificações em geral são feitas quando a mulher chega ao serviço com lesões aparentes, entretanto, a dependência da detecção de lesões visíveis como principal indicador pode indicar uma lacuna na abordagem proativa e na sensibilização das profissionais de saúde.

Nota-se que as enfermeiras entrevistadas não se sentem capacitadas para o atendimento de mulheres vítimas de violência destacam a importância da educação continuada e da capacitação para lidar com a violência contra a mulher. Dessa forma, ressalta-se a importância de manter os profissionais devidamente preparados para lidar com casos de violência contra a mulher, visando o bem-estar não apenas da vítima, mas também de sua família e comunidade.

É imprescindível reorganizar os procedimentos de trabalho na atenção primária, indo além da simples identificação de queixas, adotando uma abordagem sociocultural e abrangente para lidar com grupos de indivíduos em situações de violência e promovendo a colaboração intersetorial (FUSQUINE et al, 2021).

Percebe-se uma fragilidade no momento de encaminhar e que as enfermeiras desconhecem os serviços existentes de atendimento à mulheres vítimas de violência na rede e as facilidades encontradas pelas entrevistadas foram as agentes comunitárias de saúde, já que elas fazem parte do território e possuem um vínculo maior com a comunidade, já que residem no mesmo território.

As falas sobre encaminhamentos evidenciam a tentativa das profissionais de atender casos de violência de forma integral, pontuando quais são os serviços da rede e como o município contribui ou não para esse acesso. Além disso, as enfermeiras expressam o incentivo para que as mulheres realizem denúncias formais, possibilitando encaminhamentos adequados e suporte psicológico.

Pensando nisso, que tange aos encaminhamentos possíveis, as enfermeiras destacam a importância da identificação da violência e quais são as necessidades delas naquele momento. Ainda, é perceptível que as condutas tomadas pelas profissionais é de encaminhamento para médicos, psicólogos, assistentes sociais, como uma forma de garantir que essas vítimas tenham uma referência de serviço, (BARBOSA, et al 2022).

Uma perspectiva a ser observada nessa pesquisa é que profissionais de enfermagem são pessoas que constantemente estão no seu cotidiano de trabalho diretamente no território e que mais frequentemente são mulheres, o que deveria fortalecer o vínculo e a capacidade de identificação das situações de violência.

4. CONCLUSÕES

As enfermeiras proporcionam às suas pacientes da forma como conseguem e estão capacitadas, um atendimento humanizado e individualizado, tentando direcionar para as necessidades daquela mulher. Vale ressaltar, que a Atenção Primária é a porta de entrada para o SUS e na grande maioria das vezes é a enfermeira da ESF quem vai observar os sinais de violência sendo ela quem vai enfrentar um papel crucial no atendimento às vítimas de violência.

É fundamental ampliar a perspectiva sobre contra a mulher, uma vez que esse ambiente é propício a receber diversos tipos de violência, começando pela violência psicológica e abrindo espaço para a violência física e, subsequentemente, a violência sexual. Também, foi possível perceber a fragilidade da rede do município de Pelotas o qual não consegue contemplar a referência e contrarreferência, das mulheres vítimas de violência da cidade.

Visualiza-se que embora alguns fragilidades no acolhimento o estudo alcançou seus objetivos e traz consigo possibilidades de reflexões na enfermagem para futuras resolução referente essa temática tão relevante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA, Patricia Pereira Tavares de et al. Cuidado integral às mulheres vítimas de violência: Desafios para Estratégia de Saúde da Família. Revista Enfermagem Atual In Derme, [S. l.], v. 96, n. 39, 2022. Disponível em: <<https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1461>>.

BARBOSA, Maria Clara Rodrigues et al. Atuação da equipe de enfermagem da atenção primária à saúde frente a violência contra a mulher. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 15, n. 5, p. e10281, 24 maio 2022.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: fatos e mitos. Tradução de: Sérgio

Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Brasília: Presidência da República, 2006. Disponível em: <<https://www.institutomariadapenha.org.br/assets/downloads/lei-11340-2006-lei-mariada-penha.pdf>>.]

DE LIMA, Estherfane Ribeiro. A mulher vítima de violência doméstica no Brasil: Acolhimento e Assistência de Enfermagem. Caderno de Graduação – Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - ALAGOAS, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 227, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/6552>>.

FUSQUINE, Rafaela Serrano; SOUZA, Yasmin Alves de; CHAGAS, Aucely Corrêa Fernandes. Conhecimentos e condutas dos profissionais de saúde sobre a violência contra a mulher. Rev. Psicol. Saúde, Campo Grande , v. 13, n. 1, p. 113-124, mar. 2021. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2021000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 dez. 2023.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. Violência simbólica, sociedade do desempenho e vivências da alteridade: aproximações entre leituras de Han e Bourdieu. TraHs N°14. 2022. Disponível em:< <https://www.unilim.fr/trahs/4869&file=1/>>.

MORELATO, Caroline Silva et al. Acolhimento da demanda espontânea na Atenção Primária: necessidades de aprendizagem de enfermeiros. Revista Brasileira de Enfermagem, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/rsHFg736xfJhrMGwRsdrvCjq/?lang=pt&format=pdf>>.

SILVA, Viviane Graciele da.; RIBEIRO, Patrícia Mônica. Violência contra as mulheres na prática de enfermeiras da atenção primária à saúde. Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 24. n. 4 p. 1-7, jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0371>>.